

## RELATO (AUTO) BIOGRÁFICO: SOLO FÉRTIL DE HISTÓRIA

Osmar Hélio Alves Araújo | osmarhelioufc@gmail.com

Maria Nerice dos Santos Pinheiro | nematu@gmail.com

Lia Machado Fiuza Fialho | lia\_fialho@yahoo.com.br

### IDEIAS INTRODUTÓRIAS

O ponto engenhoso para endereçar a questão em discussão, o relato (auto) biográfico como atividade formativa de professores, é o reconhecimento da guinada que o retrocitado instrumento confere a formação do referido profissional, pois assentar o professor em um movimento de indagação, reflexão, formação com esteio da elaboração de narrativas reflexivas sobre a própria história de vida pessoal e profissional, faz emergir um solo fértil para a tomada de consciência da própria história.

Justifica-se, portanto, a necessidade da discussão ora materializada objetivando corroborar para a presença do relato (auto) biográfico como instrumento formativo no processo de formação dos professores, pois ele atribui significado as experiências vivenciadas, assim como contribui para o professor conhecer o solo embrionário do que é hoje e, em suma, experimentar, novamente, por meio da evocação, acontecimentos e situações indissociáveis do seu próprio processo de formação.

Para a constituição desse corpo teórico adotamos a pesquisa bibliográfica apoiando-se nos estudos de Arroyo (2013), Passeggi (2008), Charlot (2013), Lany-Bayle (2008), Franco (2008), Nóvoa (1999, 2009), Zabalza (2004), Tardif e Raymond (2002), Freire (2000), para fazer enfoques sobre o relato (auto) biográfico no processo de formação docente.

Por todo o exposto, apresenta-se, a princípio, a reflexão que: “a narrativa de uns se torna o eco desencadeador da narrativa dos outros” (LANY-BAYLE, 2008, p. 312). Sendo assim, é o que nutre o nosso intento na discussão ora materializada: conte-nos a sua história, regenerando o ido e ao mesmo tempo o hoje.

## ENTRELAÇANDO AS IDEIAS, MATERIALIZANDO A DISCUSSÃO

Somos o lugar onde nos fizemos, as pessoas com quem convivemos.  
Somos a história de que participamos. A memória coletiva que carregamos.

Miguel Arroyo

Tendo em vista a pujança da epígrafe aqui apresentada, convém levar a cabo, *a priori*, que com arrimo no exercício da narração, corporificada por meio do relato (auto) biográfico, o professor poderá trazer à tona a história de vida, experiência profissional, percurso formativo e as pessoas das quais é descendente, assim como a compreensão dos elementos que influenciaram na construção da sua identidade docente. Pois, Passeggi (2008) assinala que o relato (auto) biográfico é a produção de conhecimento sobre a pessoa em formação, consoante os territórios, tempos, aprendizagens, modo de ser e estar no mundo. Sendo que, como fontes, adota-se as histórias de vida, relatos orais, escritos, fotos, diários, cartas, memoriais, entre outros.

Nesta contextura, assinalamos que por sermos seres inacabados há muita história a ser construída, caminhos a serem trilhados, sonhos acalentados, pois o ser humano, enquanto ser que nasce inacabado, se humaniza, socializa e singulariza por meio da educação (CHARLOT, 2013).

Discorrer a própria história é, sobretudo, corporificar elucubrações acerca do ofício docente, registrar sonhos, desejos, ou fatos doloridos e permeados de padecimento, mas que podem se transformar em recursos úteis para responder um acontecimento futuro. O exercício (auto) biográfico permite ao professor, sem dúvidas, erigir e suscitar a própria história por meio do exercício da narração, conferindo-lhe forma, bem como autoformação (LANY-BAYLE, 2008).

Faz-se necessário o professor embrenhar no ido à procura de lembranças, o que se traduz em desafio de grande monta, pois um sentimento de satisfação aflora da aventura de sentir-se, para melhor compreender-se, e fomenta o desejo de fazer nascer um novo ser. Assim sendo, o registro viabiliza ao professor evocar sua história, robustecer a têmpera heurística da prática da narração de si e acercar fatos ainda não delineados, assim como a escrita traz à tona, com acuidade, as minúcias da experiência vivida (PASSEGGI, 2008).

A história de vida e a experiência profissional, corporificada por meio da recordação emparelhada com a reflexão crítica das mais diletas lembranças, guardam calorosamente a experiência vivenciada e assumem têmpera formativa por possibilitar a alegria do reencontro com o cotidiano escolar, com as experiências e descoberta profissional, enquanto elementos formadores. E, ainda, com os saberes apreendidos e cultivados no exercício da docência, com tantos outros professores que velejam por caminhos tão idênticos.

É necessário incorporar a prática de escrevê-la, por meio do relato (auto) biográfico, não para enaltecer-se, mas para socializar e contar a sua história, conferindo-lhe forma e vida, pois existe em nós um mundo constituído por um apinhado de histórias tácitas, latentes. Fazê-las emergir, desenvolver-se é realçar a nossa existência, é fazer eclodir aprendizagens antes desconhecidas é, enfim, conferir-lhe caráter ímpar, diferente de adotar uma linearidade limitada que nos escampa cada vez que avançamos na experiência da narração(LANY-BAYLE, *ibidem*).

Tornar-se cômico do próprio processo de aprendizagem, trajetória profissional e formativa, seja na condição de discente ou docente, é conhecer a si e ao outro, é construir conhecimento, (re) fazer história, memória lançando mão da ação reflexiva para constatar, aprofundar e, portanto, autoformar-se à luz de uma fundamentação teórica.

Filiamo-nos, nesse sentido, ao pensamento de Nóvoa (2009), ao aduzir a importância da autoformação para o professor, como ocasião tempestiva para a constituição de narrativas a partir da própria história de vida e profissional. Nesta perspectiva, convém indagar: a partir de quais pilares temos construído nossa autoformação? Empregamos autoformação como um processo no qual está explícito a ação transformadora em nós e no outro, enquanto sujeitos em permanente formação.

Consoante o exposto, impende assinalar que, por tudo isto, cada professor apresenta conotações de um magistério peculiar, lídimo, inacabado, portanto, em construção. Assim, nos é deleitoso evocar o aluno e professor que fomos um dia para melhor descobrir-nos como sujeito da história e assumir nosso destino pedagógico, profissional e pessoal, como elemento interveniente no processo formativo docente. Convém argumentar, ainda, como arrimo nas contribuições de Franco (2008), que a transformação da prática docente se inicia ao oportunizarmos ao professor condições de se constituir como sujeito da história e protagonista do seu tempo e fazer docente. Contudo, a retrocitada autora adverte que:

Quando essa prática for mecanicamente estruturada, sob forma de

reprodução acrílica de fazeres, ela não se transformará em saberes de experiência, pois a prática não foi vivenciada como práxis, não foi renovada nem transformada com as águas da reflexão, da pesquisa, da história (*ibidem*, p. 115).

O registro como reflexão, destarte, enquanto processo de conscientização, é um elemento substancial na sedimentação de mudanças na prática docente e para a apropriação dos caminhos trilhados na (re)construção da própria história. Nesse sentido, filiamo-nos ao pensamento de Charlot (2013, p.165) ao lecionar que: “cada um de nós temos uma história que é, ao mesmo tempo, uma história social, e uma história singular”.

A nossa própria história é constituída, a princípio, pelos diferentes sujeitos que conosco trilharam diferentes caminhos fazendo história, *posterior*, pelos nossos pares, com quem compartilhamos o prazer das experiências e a quem devemos instigar a percorrer o seu processo histórico docente, haja vista que Nóvoa (2009) adverte da necessidade da presença dos professores na formação dos seus pares. O referido autor argumenta que:

É urgente, por isso, descobrir novos sentidos para a ideia de coletivo profissional. É preciso inscrever rotinas de funcionamento, modos de decisão e práticas pedagógicas que apelem à co-responsabilização e à partilha entre colegas. É fundamental encontrar espaços de debate, de planificação e de análise, que acentuem a troca e a colaboração entre os professores (1999, p.16).

O fio condutor para o processo de socialização das experiências consumatórias deve ser a nossa memória que vai tecendo a história do nosso processo. Como produto o registro, a corporificação do relato (auto) biográfico, que traz em sua tessitura fatos históricos e torna-se, portanto, solo fértil para a gestação de novas histórias. Desse modo, cabe perguntar: como elucidar no processo de formação dos professores a sua própria história? Não será essa uma atividade formativa? Quantas outras histórias e saberes têm imbricado na história de cada professor?

É legítimo reconhecermos que não formaremos professores pensantes, sujeitos construtores, escritores se não lhes assegurarmos o direito de conhecer a si, seus saberes e história, pois a importância da formação provém da necessária associação ao crescimento e ao aprimoramento das pessoas, o que deve ser compreendido em um prisma global, ou seja, evoluir como pessoa (ZABALZA, 2004).

Fincaremos aqui que o relato (auto) biográfico, como instrumento fértil para consubstanciar a formação docente, deve configurar-se como mecanismo de socialização de experiências, saberes e história docente, mediante um exercício de reminiscência, inefável, visceral, ou seja, fazendo memória. Isto é, traçando recortes da trajetória profissional como um processo contínuo de aprendizagem e formação que desembocará na formação de professores atores/autores cômico do seu fazer pedagógico, possuidores de uma história. Nesse sentido, não é hora de vislumbrar um processo formativo docente com e para o professor? Como explicitar na formação docente a história de vida do professor? Corroboramos com essa ideia o Nóvoa (2009, p. 38), que leciona que o “professor é a pessoa, e que a pessoa é o professor”. Desta feita, a formação é anterior à universidade, desenvolvida dentro e fora do espaço escolar, e segue por meio da formação permanente (ZABALZA, *ibidem*).

Para construirmos o registro do nosso processo formativo nada melhor do que caminharmos de volta até os lugares longínquos onde iniciamos a exercer a docência, enquanto subsolo da profissão, pois como leciona o autor em epígrafe, “somos o lugar onde nos fizemos, as pessoas com quem convivemos. Somos a história de que participamos. A memória coletiva que carregamos” (Arroyo, 2013, p.14). Assim, leva-se a cabo que as experiências vivenciadas estão embrenhadas na identidade docente, pois compreendemos que a construção da identidade docente transversaliza as diferentes instâncias da vida em sociedade.

Tardif e Raymond (2002, p. 219), no que toca a identidade docente, assinalam que:

As experiências escolares anteriores e as relações determinantes com professores contribuem também para modelar a identidade pessoal dos professores e seu conhecimento prático. Acrescenta-se a isso, também, experiências marcantes com outros adultos, no âmbito de atividades extra escolares ou outras (atividades coletivas: esportes, teatro etc.).

Apreende-se das contribuições dos autores que desde as diversas experiências, com diferentes estirpes, e dos variados contextos sócio-histórico-culturais por onde velejamos apinha-se um legado para o processo da construção de identidade e formação com e para o magistério. E, ainda, por meio das referidas experiências, tornamo-nos cômicos do nosso processo histórico, pessoal e profissional, possibilitando emergir uma consciência crítica política.

Ao tornarmos cômicos a respeito do mundo e de si mesmo, somos um ser não meramente no mundo, mas com o mundo e com os outros e, assim, capazes de intervir no mundo. Pois, não temos apenas história, mas a fazemos igualmente nos faz e, desse modo, nos

tornamos históricos (FREIRE, 2000).

Compreendemos ser necessário ao professor, nessa esteira de pensamento, não somente apresentar qualificação profissional e competência técnica, faz-se necessário, principalmente, ser um/a homem/mulher de consciência crítica, ética, transformadora e, assim tornar-se-á um professor/mediador de uma prática dialética, aberta ao diálogo e comprometida com uma educação de têmpera qualitativa. O que culminará na transformação da realidade educacional, pois nenhuma realidade é/está assim porque tem de ser, interesses de quem têm poder a fazem assim (FREIRE, 2000). Nesse sentido, estaria à formação docente favorecendo o desenvolvimento de uma visão crítica, por parte dos professores, em face da realidade social em suas diferentes nuances?

Decorrente dessa incursão no ofício de mestre, penetração na história de vida e profissional por meio da prática da narração, é possível medrar a consciência que “somos produzidos pelo que (por aqueles) que produzimos (nós somos o produto de nossas obras de vida) e não mais, ou não somente, por aqueles que nos produzirem” (LANI-BAYLE, 2008, p. 312).

Considerando-se o já refletido, impende, a guisa de conclusão, assinalar que se trata, portanto, de adotar uma concepção infinitamente engenhosa, criadora daquilo que somos e poderemos ser para viver o hoje e, talvez, um novo amanhã. Deslindando novas experiências e descobertas profissionais, história de vida e, por que não, constituindo novas narrativas, relatos (auto) biográficos, enquanto solo fértil de história.

## **PALAVRAS FINAIS**

Faz-se plausível realçar que estamos convictos, portanto, que a prática de vivenciar a experiência de uma reflexão teórica consoante o percurso histórico, pessoal e profissional, é um processo por meio do qual se viabiliza ao professor conhecer a si e vivenciar uma experiência formadora. O que exige, portanto, incorporar nas atividades de formação de professores espaços de liberdade, expressão, para instigar, paulatinamente, reflexões explorando os diversos mecanismos da abordagem pesquisa autobiográfica, a partir do percurso de vida do professor, pois como já acentuado, não há dúvida, contudo, que as experiências materializadas no decurso da vida confluem para dar sentido àquilo que se vive hoje.

Em suma, o envolvimento do professor ao constituir sua própria autobiográfica é um elemento interveniente no processo de robustecimento da sua autonomia, formação docente e um momento fértil para correlacionar adequadamente teoria e prática e, ainda, idear um feixe de práticas visando reconstruir sua prática docente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre: imagens e auto imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Entre a lógica da formação e a lógica das práticas: a mediação dos saberes pedagógicos**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.34, n.1, p. 109-126, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

Freire, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LANI-BAYLE, Martine. História de vida: transmissão intergeracional e formação. In: PASSEGGI, Maria da Conceição (org.). **Tendências da pesquisa (auto) biográfica**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Pesquisa (Auto) Biográfica – Educação). pp. 297-315.

PASSEGGI, Maria da Conceição (org.). **Tendências da pesquisa (auto) biográfica**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Pesquisa (Auto) Biográfica – Educação).

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: PASSEGGI, Maria da Conceição (org.) **Tendências da pesquisa (auto) biográfica**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Pesquisa (Auto) Biográfica – Educação). pp. 12-20.

NÓVOA, A. **Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas**. Edc. Pesqui. [online]. 1999, vol.25, n.1, pp. 11-20. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

XIV ECHE – ENCONTRO CEARENSE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO  
IV ENHIME – ENCONTRO NACIONAL DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO  
FORTALEZA – CE | 17 a 19 de Setembro de 2015 | ISSN XXXX XXXX

\_\_\_\_\_. **Professores: imagens do futuro presente.** Lisboa: EDUCA, 2009.

TARDIF, Maurice e RAYMOND, Danielle. **Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério.** *Educ. Soc.* [online]. 2000, vol.21, n.73, pp. 209-244. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

**ZABALZA, Miguel O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas.** Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004.